

**Figura 19:** Crânio de *Teoichthys* sp. nov. (exemplar 5752). A) Fotografia. B) Desenho. A barra de escala corresponde a 1cm.. Abreviaturas: asp: autoesfenótico; dpt: dermopterótico; dsp: dermoesfenótico; es: extraescapular; fr: frontal; l: lacrimal; le: etmóide lateral; mx: maxila; pa: parietal; pas: paraesfenóide; pmx: pré-maxila; ro: rostral; su: supraorbital; suo: suborbital.

### **- Maxila e ossos do palato**

Encontra-se preservada somente a porção anterior da pré-maxila, a qual pode ser observada à frente da maxila superior portando 4 dentes cônicos preservados. Segue-se a pré-maxila a maxila superior, a qual se apresenta quebrada e suporta canal sensorial. Pela impressão deixada pela parte do osso ausente no exemplar 1702, podemos perceber que a maxila provavelmente apresentava a margem posterior côncava e ultrapassava a margem posterior da órbita (Fig. 18). Entretanto, isto não pode ser observado em nenhum dos outros exemplares. A margem inferior da maxila é composta por dentes cônicos e pontiagudos, havendo pelo menos dez preservados. Acima da maxila está preservada uma supramaxila bastante alongada, que se estende até a margem posterior da maxila. A maxila inferior é composta por um dentário que parece não estar completo. No exemplar 5752, um angular fusionado a um suprangular, está fusionado ao dentário, fazendo todos parte do processo coranóide (Figs. 17 e 18). O dentário apresenta dentes cônicos e pontiagudos em sua margem superior, com cerca de dez preservados em um dos dentários. Inferior ao angular é visível parte de um ceratohyal alongado, do qual partem alguns raios branquiostegais, aproximadamente 14 no exemplar 5344. Fazendo parte da articulação mandibular, estão o quadrado e o simplético que não foram completamente visualizados em nenhum dos exemplares. É possível observar o côndilo do simplético sob a porção inferior do pré-opérculo, assim como a porção posteroventral do quadrado logo à frente do simplético. O paraesfenóide pode ser visto passando no interior da órbita de vários exemplares, entretanto, está melhor preservado no exemplar 5344, no qual, encontra-se deslocado (Fig.17). Neste mesmo exemplar é possível observar ainda, uma placa do vômer, aparentemente com duas fileiras de dentes cônicos.

### **- Nadadeiras ímpares**

A nadadeira dorsal tem início aproximadamente no meio do corpo e apresenta aproximadamente 24 mm de comprimento. É uma nadadeira curta, que apresenta os 6 primeiros raios mais longos que os posteriores. São 4 raios pró-correntes e 16 raios principais preservados (Fig. 20A).

A nadadeira anal é ausente ou foi perdida.

### **- Nadadeiras pares**

A nadadeira peitoral encontra-se pouco preservada, sendo possível observar 10 raios. Entretanto, os ossos que compõem a cintura peitoral encontram-se bem preservados, sendo possível observar um cleitro alongado, com a base mais larga que o ápice, apresentando o formato de um bumerangue; um supracleitro também alongado recobrimdo o cleitro e alcançando o pós-temporal; e ainda um pós-cleitro também alongado que se encontra posterior ao cleitro e a porção inicial do supracleitro. Entre os raios e a cintura há uma peça óssea preservada, esta se apresenta quebrada, mas aparentemente corresponde ao escapulocoracóide.

A nadadeira pélvica é oposta a nadadeira peitoral e encontra-se pouco preservada, não sendo possível quantificar o número de raios. Inicia-se aproximadamente a 64 mm do início do corpo.

### **- Coluna vertebral**

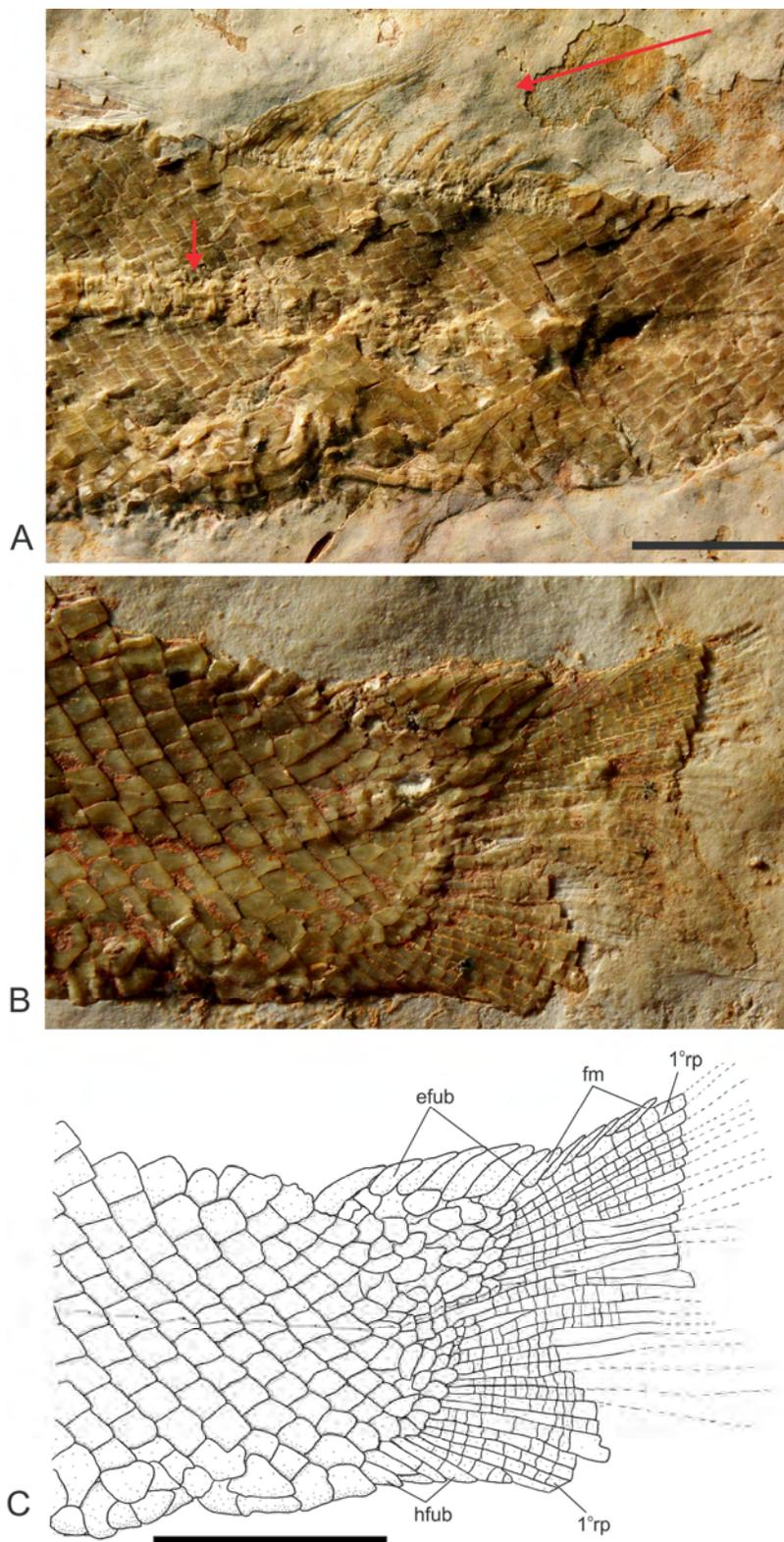
A coluna vertebral está exposta somente em uma porção do corpo (próximo a nadadeira dorsal), na qual os centros vertebrais apresentam-se ossificados, sendo possível observar duas pequenas fossas laterais em alguns centros (Fig. 20A). Não é possível quantificar o número de centros vertebrais presentes com segurança.

### **- Nadadeira caudal**

A nadadeira caudal é aparentemente bifurcada, com 7 fulcras dorsais, 5 ou mais fulcras marginais dorsais, 4 raios pró-correntes dorsais, 16 raios principais, 4 raios pró-correntes ventrais e 8 fulcras ventrais. Não foi possível observar as fulcras marginais ventrais e endoesqueleto caudal (Fig. 20B e C).

### **- Escamas**

Estão presentes 48 escamas ao longo da linha lateral, sendo 11 na fileira vertical entre as nadadeiras pélvicas e dorsais. As escamas são do tipo ganóide, sendo lisas e brilhantes e não apresentam, em geral, nenhum tipo de ornamentação em sua borda posterior. Em geral são bem regulares, sendo mais altas que compridas no início do corpo (Fig. 17) e mais compridas que altas na porção média e posterior do corpo (Fig. 18).



**Figura 20:** Detalhes de *Teoichthys*. sp. nov. A) Nadadeira dorsal e centro vertebral do exemplar 1702, ambos indicados por setas vermelhas. B) Fotografia da nadadeira caudal do exemplar 187. C) Desenho da nadadeira caudal do exemplar 187. Barra de escala corresponde a 1cm. Abreviaturas: ebfu: fulcras basais epaxiais; fma: fulcras marginais; hfbu: fulcras basais hipaxiais; rp: raios principais.

## 2.3 *Oshunia*

### 2.3.1 Sistemática paleontológica

**Divisão** Holostei Huxley, 1861

**Subdivisão** Halecomorphi Cope, 1872

**Ordem** Ionoscopiformes Grande & Bemis, 1998

**Família** Ionoscopidae Lehman, 1966

**Gênero** *Oshunia* Wez & Kellner, 1986

**Espécie tipo:** *Oshunia brevis* Wez & Kellner, 1986

**Diagnose:** gênero monoespecífico, cf. diagnose específica.

***Oshunia brevis* Wenz & Kellner, 1986**

**Holótipo:** MN5801 (anteriormente depositado na coleção Desiré, sob o número CDP-31) - exemplar desprovido da região dorsal da cabeça e da extremidade da nadadeira caudal.

**Localidade tipo:** Chapada do Araripe, Nordeste do Brasil.

**Estrato tipo:** Parte inferior do Membro Romualdo, Formação Santana, Cretáceo Inferior, Aptiano.

**Distribuição:** Chapada do Araripe, Nordeste do Brasil.

**Etimologia:** O nome genérico faz referência à Oshun, divindade dos rios na cultura afro-brasileira, enquanto o nome específico faz alusão ao corpo curto.

**Diagnose emendada:** peixe Ionoscopidae de corpo alongado, de até 200 mm de comprimento total; dupla articulação mandibular; articulação mandibular ao nível posterior da órbita; canal da linha lateral presente na maxila; canal do dermoesfenótico exposto abaixo do autoesfenótico, no canto superior da órbita; rostral em forma de “V”; suborbitais ornamentados por tubérculos de ganoína em sua porção inferior; nadadeira dorsal alongada, estendendo-se do início da nadadeira pélvica até o pedúnculo caudal; 60 centros vertebrais ossificados, monospondílicos e com duas fossas laterais; escamas do tipo amiidae; 2 urodermais.

### 2.3.2 Considerações gerais

O gênero *Oshunia* é representado por uma única espécie nominal – *Oshunia brevis* Wenz & Kellner, 1986 – e por duas possíveis espécies ainda não descritas, denominadas forma “A” e forma “B” (Maisey, 1991). Da mesma maneira que *P. bidorsalis* todos os registros de *Oshunia* são provenientes da Bacia do Araripe (Formação Santana). *O. brevis* é um peixe ionoscópico de corpo curto que apresenta escamas tipo amiidae; nadadeira dorsal alongada, estendendo-se da altura do início da nadadeira pélvica até o pedúnculo caudal; dupla articulação mandibular, situada ao nível da margem posterior da órbita e canal da linha lateral presente na maxila (Maisey, 1991).

Quando da sua descrição a espécie *O. brevis* foi incluída na família Ionoscopidae (Wenz & Kellner, 1986) devido a similaridades com o endoesqueleto caudal de *Ionoscopus* e posteriormente foi criada a nova família Oshunidae (Grande & Bemis, 1998) para esta espécie. Grande & Bemis (1998) consideraram ainda que a família Oshunidae formaria grupo irmão com a família Ophiopsidae por compartilharem as seguintes sinapomorfias: infraorbital anterior sendo subretangular e mais alto que largo; margem posterior da maxila relativamente anterior, não se estendendo após a órbita e linha lateral presente na maxila.

Maisey (1991) redescreveu a espécie *Oshunia brevis* e sugeriu a existência de mais de uma espécie nominal devido à diferenças observadas nos exemplares analisados por ele, como: diferença no número de raios das nadadeiras, no número de centros vertebrais e na altura do corpo.

Maisey (1999) observou que as discussões filogenéticas sobre ionoscópicos (e.g., Saint-Seine, 1949; Patterson, 1973; Grande & Bemis, 1998) foram baseadas principalmente nos *taxa* alemão e francês (e.g., *Ionoscopus cyprinoides* e *I. desori*). Postulou que esses *taxa* observados diferiam em alguns aspectos da espécie tipo *I. petraroiae*. A partir de suas observações, Maisey (1999) assinalou que *Oshunia brevis* assemelhava-se a espécie tipo *I. petraroiae* e diferia de *I. cyprinoides* (e.g., forma e proporções da cabeça; altura e arranjo dos ossos infraorbitais; proporções da mandíbula e dentição). Desta forma sugeriu que em futuros estudos, com os devidos ajustes nomenclaturais, *I. cyprinoides* seja retirado da família Ionoscopidae e *O. brevis* (assim como “*Aspidorhynchus*”?) seja incluída na mesma.

Em um estudo realizado em 2008, Alvarado-Ortega & Espinosa-Arrubarrena incluíram *Oshunia brevis* na família Ionoscopidae devido à presença de vértebras bem ossificadas; superfície ventral dos ossos circumorbitais ornamentadas e presença de dois

supraorbitais, consideraram que este clado (*Ionoscopus cyprinoides* + [*Quetzalichthys perrilliatae* + *Oshunia brevis*]) é irmão do clado Ophiopsidae ([*Macrepistius arenatus* + *Teoichthys kallistos*] + *Ophiopsis*).

### 2.3.3 Redescrição anatômica

Para a redescrição anatômica de *Oshunia brevis* foram utilizados os espécimes UERJ-PMB394 e UERJ-PMB395, assim como os exemplares adicionais MN 5801V, AMNH12793, AMNH12000 e AMNH11895.

Os exemplares apresentam corpo alongado e fusiforme, podendo alcançar cerca de 360 mm de comprimento total. A porção mais alta do corpo encontra-se entre as nadadeiras peitoral e dorsal, podendo alcançar até 140 mm. A cabeça de *O. brevis* é aproximadamente subretangular, sendo um pouco mais comprida que alta e ocupando 23% do corpo. Apresentam a nadadeira dorsal alongada, iniciando-se a 1/3 do início do corpo. Opostas a esta estão as nadadeiras anal e pélvica e na região anterior temos a peitoral. A nadadeira caudal não é completamente preservada em nenhum exemplar, não sendo possível determinar o seu formato.

#### - Teto craniano

*Oshunia brevis* apresenta o teto craniano bem preservado em todos os exemplares, com um par de frontais bem suturados entre si com uma constricção na altura da órbita, os quais são ornamentados por pequenos buracos em sua superfície. Os frontais são seguidos por um par de parietais irregulares. Sobre estes últimos encaixam-se um par de extraescapulares mais altos que compridos e posteriores a estes um par de amplos pós-temporais. Lateral aos frontais e margeando a órbita, em cada lado do teto, há um dermoesfenótico alongado e suturado a ele uma porção do autoesfenótico, o qual se expõe no canto superior da órbita, sendo um osso triangular de coloração e textura diferenciada dos demais ossos do teto (ver figs. 21 e 22). Da porção ventral do dermoesfenótico parte um canal sensorial que se estende até a porção exposta do autoesfenótico, desembocando no canto superior da órbita (e.g., UERJ-PMB395, AMNH12793 e AMNH12000) (figs. 22 e 23). Posterior a essa porção do autoesfenótico e lateral a porção posterior do frontal e a todo parietal, há um dermopterótico em cada lado do teto, o qual exhibe um pequeno processo na sua porção posterior (Fig.21C). É

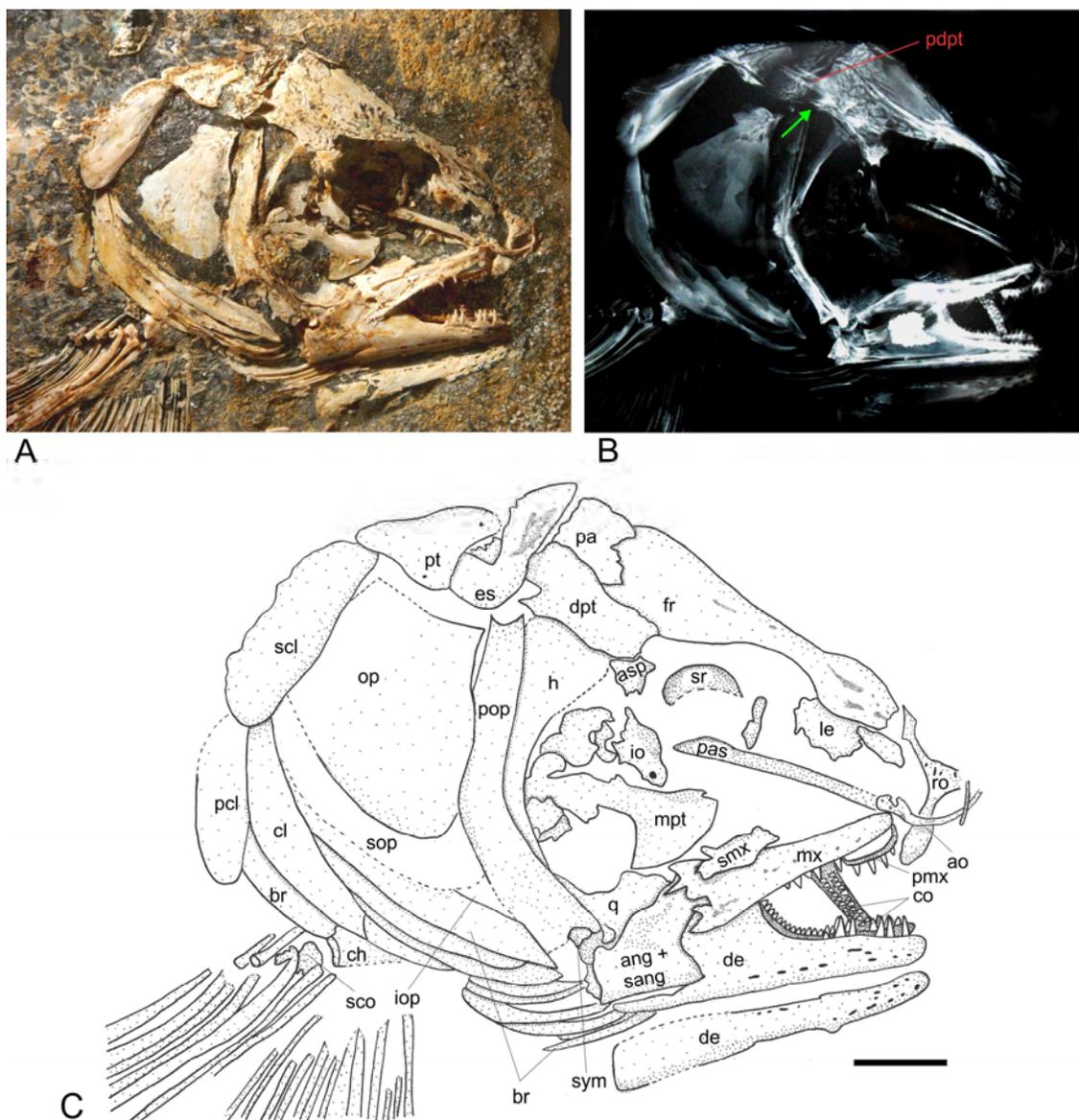
um osso alongado, sendo mais comprido que os parietais. Todos os ossos do teto são ornamentados com pequenos buracos, ocasionados pela pressão do crescimento de ganoína. São bem marcados os canais sensoriais dos ossos frontal, extraescapular, pós-temporal, infraorbital, maxilar e dentário, os quais estão bem destacados na radiografia do crânio do exemplar UERJ-PMB395 (Fig. 21B).

#### **- Região etmoideana**

*Oshunia brevis* apresenta a região etmoideana pouco preservada (Fig. 21 e 22). Nos exemplares analisados podemos observar a presença do etmóide lateral, além de um rostral triangular com processos laterais e de um par de nasais. No espécime UERJ-PMB394 está visível um rostral triangular, com a forma aproximada de “V” e com processos laterais, os quais suportam o canal sensorial. O nasal encontra-se posterior ao rostral, apresentando uma forma bastante irregular. Está visível sua superfície superior nos exemplares UERJ-PMB 394 e 395 e sua superfície inferior no espécime AMNH12793(ver figs. 21 e 22). O etmóide lateral é bem visível também no exemplar AMNH12793, é um osso de superfície lisa, brilhosa, que apresenta uma torção e fica a frente da região orbital, inferior ao frontal. Exibe um prolongamento para o interior da órbita, o qual sutura-se a margem inferior do orbitoesfenóide quase alcançando a porção anterior do basiesfenóide. Anterior ao etmóide lateral está o autopalatino, o qual exibe uma textura característica de osso dérmico, estando apoiado sobre a porção anterior do vômer (Fig. 22).

#### **- Neurocrânio**

*Oshunia brevis* apresenta o neurocrânio bem ossificado, estando bem preservado no exemplar AMNH12793 (Fig. 22). É composto por um vômer, dividido em duas placas nas quais há dentes organizados em duas fileiras. Segue-se ao vômer o paraesfenóide, o qual se estende desde o vômer até o final do basioccipital. Apresenta um processo ascendente que divide a região orbital da óptica e já na região óptica apresenta uma aba lateral ascendente. O paraesfenóide é dentado desde sua região mais anterior até a porção mediana do seu processo ascendente. Na região orbital está preservado o orbitoesfenóide, pteroesfenóide e o basiesfenóide. O orbitoesfenóide é um osso irregular que ocupa a maior parte da órbita e a posição anterior ao pteroesfenóide e ao basiesfenóide.



**Figura 21:** Representação do crânio da espécie *Oshunia brevis*. A) Fotografia do crânio do exemplar UERJ-PMB395. B) Desenho do crânio do exemplar UERJ-PMB395. C) Radiografia do crânio do exemplar UERJ-PMB395 (seta verde indicando o processo do canal do dermopterótico). Barra de escala corresponde a 1cm. Abreviaturas: ang: angular; ao: antorbital; asp: autoesfenótico; br: raios branquiostegais; ch: ceratohyal; cl: cleitro; co: coranóide; de: dentário; dpt: dermopterótico; es: extraescapular; fr: frontal; h: hiomandibular; io: infraorbital; iop: infraopérculo; sym: simplético; le: etmóide lateral; mx: maxila; mpt: metapterigóide; op: opérculo; pa: parietal; pas: paraesfenóide; pcl: pós-cleitro; pdpt: processo do dermopterótico; pmx: pré-maxila; pop: pré-opérculo; pt: pós-temporal; q: quadrado; ro: rostral; sang: suprangular; scl: supracleitro; sco: escapulocoracóide; smx: supramaxila; sop: subopérculo; sr: anel esclerótico; l: lacrimal;

O pteroesfenóide é um osso arredondado restrito entre o orbitoesfenóide, a franja ventral do dermoesfenótico, a superfície anteroventral do autoesfenótico, a ponte do proótico e a superfície superior do basiesfenóide, ocupando uma posição mais superior na órbita. O basiesfenóide é um osso curvado dorsalmente que se apóia no paraesfenóide e dá suporte a musculatura do olho, tendo um formato aproximado de “Y”.

No processo ascendente do paraesfenóide, podemos observar uma ponta anterior que representa o processo basipterigóide. O processo ascendente do paraesfenóide alcança a ponta ventral do autoesfenótico (figs. 22 e 23).

Na região pós-orbital está presente um proótico que ocupa grande parte dessa região. Acima do proótico pode ser distinguido um osso, considerado aqui como pterótico (Fig. 20) (ver discussão). Inferior ao proótico está a aba lateral do paraesfenóide, a qual também faz contato com o intercalar (Fig. 22). Acoplado posterodorsalmente ao proótico está o opistótico o qual está suturado também ao intercalar (Fig. 22).

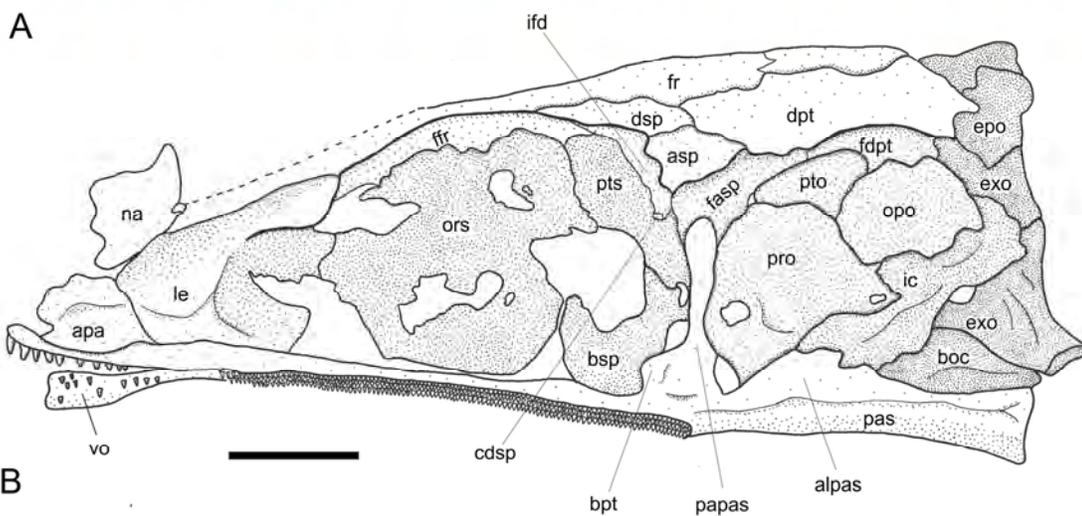
O intercalar é um osso diagonal, torcido, que está apoiado na parte posterior do paraesfenóide alcançando o basioccipital, que faz parte da região occipital, onde estão presentes o exoccipital, supraoccipital e epioccipital (Figs. 22 e 23).

O basioccipital se encaixa no paraesfenóide através de um processo que se projeta de sua porção anterior, visualizado ventralmente no endocrânio do exemplar AMNH12793 (Fig. 22).

Na porção posterior da região occipital (Fig. 24), vemos um par de exoccipitais, os quais têm um formato muito característico, assemelhando-se a pás ou remos. A porção inferior destes ossos sutura-se a porção superior do basioccipital e entre estes dois ossos está o foramem magnum, foramem pelo qual passa o cordão espinhal em direção a cavidade craniana. Lateral ao exoccipital encaixa-se a porção posterior do intercalar.

Em vista lateral, podemos observar um foramem formado pelo intercalar, pelo exoccipital e pelo opistótico, através do qual passa o nervo vago.

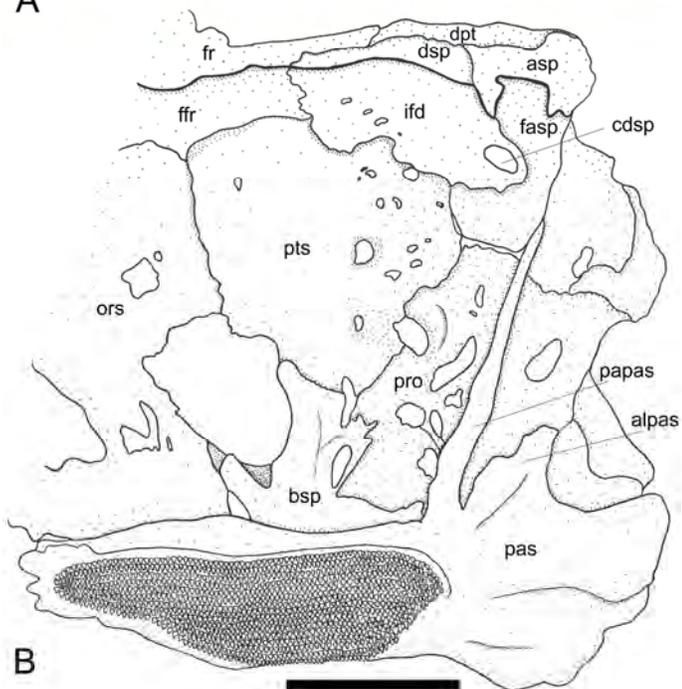
Novamente visualizando a porção posterior da região occipital podemos observar um par de epioccipitais fusionados um ao outro inferiormente e suturados a borda superior dos exoccipitais (Fig. 24), dorsalmente suturam-se ao teto craniano e ao supraótico. Segundo Maisey (1999) há um supraótico dorsal aos exoccipitais, o qual não foi visualizado aqui com muitos detalhes.



**Figura 22:** Neurocrânio de *Oshunia brevis* (exemplar AMNH12793). A) Fotografia. B) Desenho. Barra de escala corresponde a 1cm. Abreviaturas: alpas: aba lateral do paraesfenóide; apa: autopalatino; asp: autoesfenótico; boc: basiocipital; bpt: processo basipterigóide; bsp: basiesfenóide; cdsp: canal do dermoesfenótico; dpt: dermopterótico; dsp: dermoesfenótico; epo: epiocipital; exo: exocipital; fasp: franja do autoesfenótico; fdpt: franja do dermopterótico; fr: frontal; ffr: franja do frontal; ic: intercalar; ifd: franja orbital do dermoesfenótico; na: nasal; opo: opstótico; ors: orbitoesfenóide; pa: parietal; papas: processo ascendente do paraesfenóide; pas: paraesfenóide; pro: proótico; pto: pterótico; pts: pteroesfenóide; vo: vômer; le: etmóide lateral.

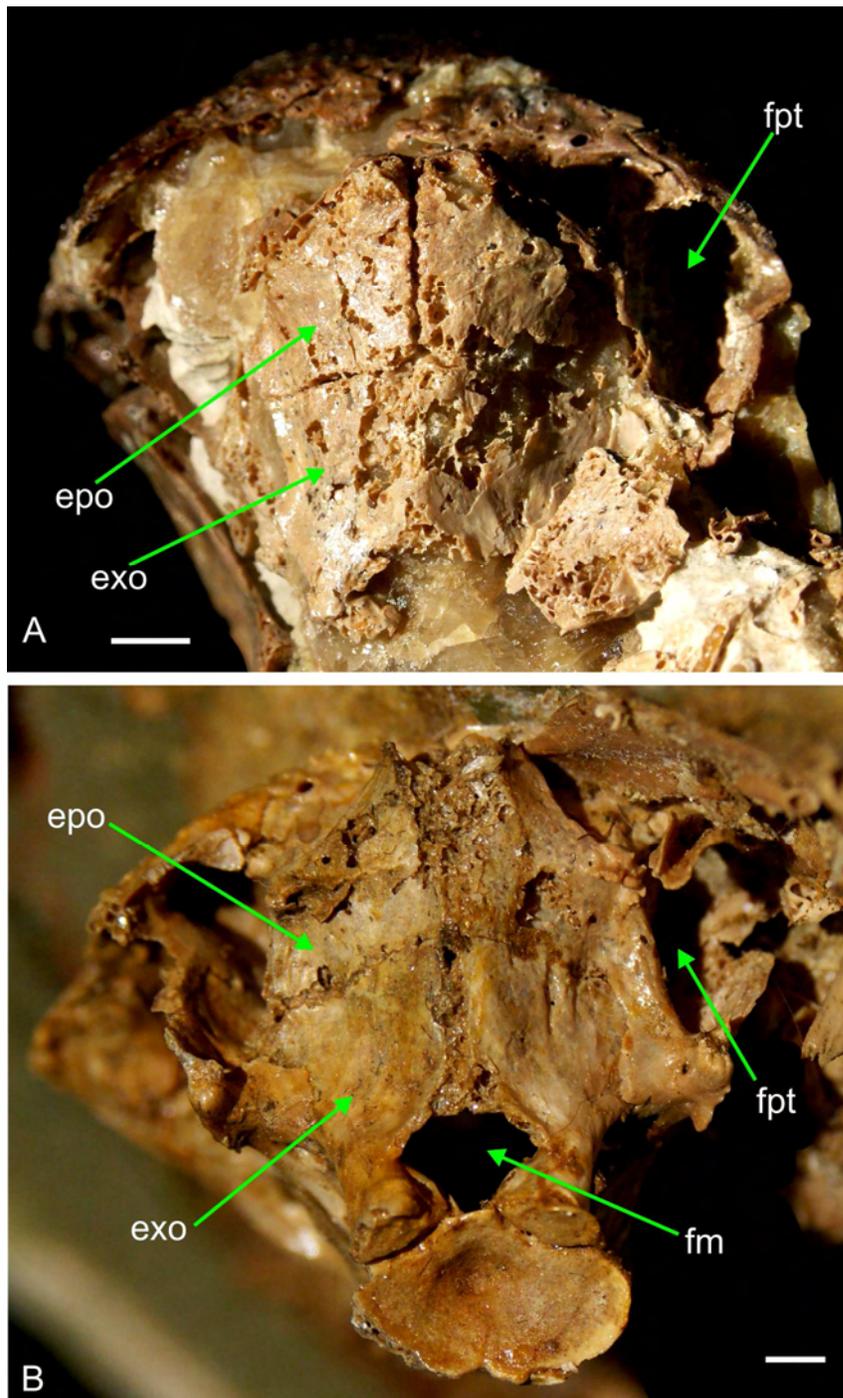


A



B

**Figura 23:** Detalhe do neurocrânio de *Oshunia brevis* (exemplar AMNH12793). A) Fotografia. B) Desenho. Barra de escala corresponde a 1cm. Abreviaturas: alpas: aba lateral do paraesfenóide; asp: autoesfenótic; bsp: basiesfenóide; cdsp: canal do dermoesfenótic; dpt: dermopterótico; dsp: dermoesfenótic; fasp: franja do autoesfenótic; fr: frontal; ffr: franja do frontal; ifd: franja orbital do dermoesfenótic; ors: orbitoesfenóide; papas: processo ascendente do paraesfenóide; pas: paraesfenóide; pro: proótico; pts: pteroesfenóide.



**Figura 24:** Região occipital de *Oshunia brevis*. A) Exemplar AMNH12000. B) Exemplar AMNH12793. Barra de escala corresponde a 1cm. Abreviaturas: epo: epicipital; exo: exocipital; fpt: fossa pós-temporal; fm: forame magno.

A fossa pós-temporal é formada pela parede do epioccipital, dermopterótico, opistótico, intercalar e a ao fundo aparentemente pelo pterótico. Nessa fossa há inserção de musculatura craniana (Fig. 24).

#### **- Série orbital**

Dos exemplares observados, a série orbital está preservada no exemplar AMNH12000, não sendo uma boa preservação. Há ainda um pouco da impressão desta série e resquícios de ossos na contraparte do exemplar AMNH12793. Há provavelmente três ou quatro supraorbitais preservados, mas estes são difíceis de observar. É possível observar três infraorbitais na margem inferior da órbita e cerca de dois suborbitais abaixo dos infraorbitais. Há provavelmente um lacrimal presente, mas não é possível distinguir bem sua forma e tamanho. Os suborbitais são ossos amplos e apresentam a porção inferior ornamentada por uma rugosidade provocada por ganoína e por algumas perfurações (Fig. 25).

#### **- Série opercular e branquiostegal**

*Oshunia* apresenta um pré-opérculo crescente e côncavo recobrimdo o simplético. Posterior a ele há um opérculo mais alto que largo e inferior a este um subopérculo alongado. Não é possível afirmar com certeza sobre a presença de um infraopérculo, já que a região encontra-se fragmentada em todos os exemplares examinados. Abaixo do subopérculo estão dois ou três raios branquiostegais alargados e outros mais finos seguem-se abaixo do plano da maxila. No exemplar AMNH12793 está preservado o ceratohyal, osso alongado no qual ficam apoiados os raios branquiostegais. Nesse mesmo exemplar está visível o hipohyal, pequeno elemento ósseo anterior ao ceratohyal que fica preso ao mesmo por cartilagem (Fig. 21).

#### **- Maxila, suspensório e ossos do palato**

Na espécie *Oshunia brevis* uma única supramaxila está presente. Sob a mesma uma maxila superior com aberturas de canal e com 12 dentes cônicos dispostos ao longo de toda margem inferior, com a margem posterior quebrada em todos os exemplares observados e ultrapassando a metade da órbita. Há aparentemente um entalhe ou processo na margem posterior das maxilas dos exemplares AMNH12000 e UERJ-PMB395. No exemplar UERJ-

PMB394, podemos observar sob a maxila um ectopterigóide bem preservado. Outro osso da série pterigóide pode ser observado no exemplar UERJ-PMB395, o qual se trata provavelmente do metapterigóide (Fig. 21). A maxila inferior é formada pelo dentário, osso com canal apresentando seis dentes cônicos e pontiagudos preservados. O dentário se acopla ao complexo articular + angular + suprangular na porção posterior. O suprangular está fusionado ao angular e encosta ainda no quadrado (Fig. 21). O articular está fusionado ao angular e posteriormente apresenta uma depressão para articulação da porção posterior do quadrado e a porção inferior do simplético.

Estão presentes na espécie *O. brevis* coranóides, placas com até duas fileiras de dentes que preenchem a cavidade oral (Fig. 21). Fazem parte da articulação mandibular os ossos simplético e quadrado, os quais se encontram bem preservados no exemplar UERJ-PMB394 visivelmente participando da articulação mandibular no exemplar UERJ-PMB395 (Fig. 21). No exemplar AMNH12000 está bem preservado um amplo hiomandibular, o qual faz parte da suspensão mandibular. Sua face superior se articula na fosseta de articulação do pterótico e ainda na porção posterior do autoesfenótico. A face superior do hiomandibular também pode ser observada em outros exemplares como o UERJ-PMB395 (Fig. 21). Em alguns exemplares como UERJ-PMB394 e 395 e AMNH12793 estão preservados resquícios de elementos palatinos.

#### **- Nadadeiras ímpares**

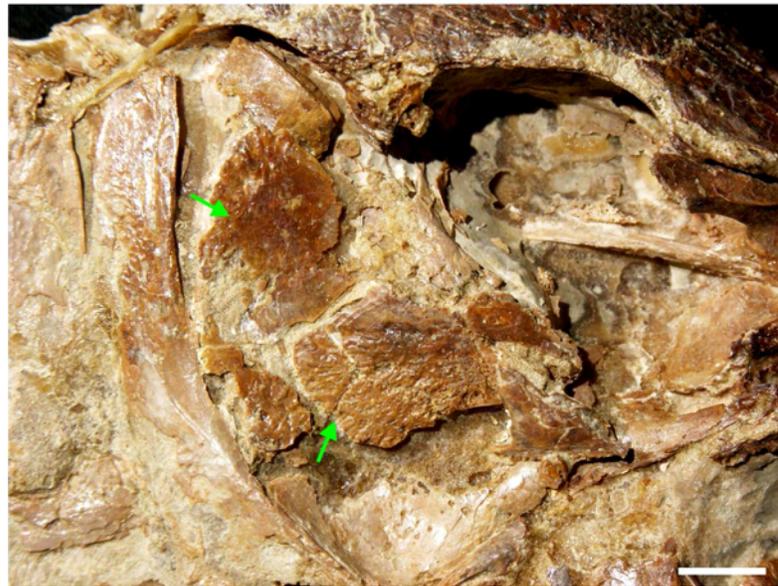
A nadadeira dorsal da espécie *O. brevis* inicia-se na altura da nadadeira pélvica (e.g., AMNH12793 e UERJ-PMB394 e 395) há aproximadamente 145 mm do início do corpo. Não foi possível mensurar a nadadeira dorsal para esta espécie, pois em todos os exemplares analisados aparentemente não estão visíveis os raios posteriores. A nadadeira dorsal de *O. brevis* apresenta variações no número de raios preservados entre os diferentes exemplares.

O exemplar UERJ-PMB394 apresenta três raios pró-correntes, 21 raios principais preservados e provavelmente mais alguns raios principais não preservados, além de 24 pterigióforos (Fig. 26B). Na contraparte deste exemplar é possível confirmar que existem mais raios principais que não foram completamente preservados.

No exemplar AMNH12793 há três raios pró-correntes e 16 raios principais preservados além de mais alguns, que foram perdidos (Fig. 26A). Essa diferença observada pode ser devida a preservação ou a variação individual.



A

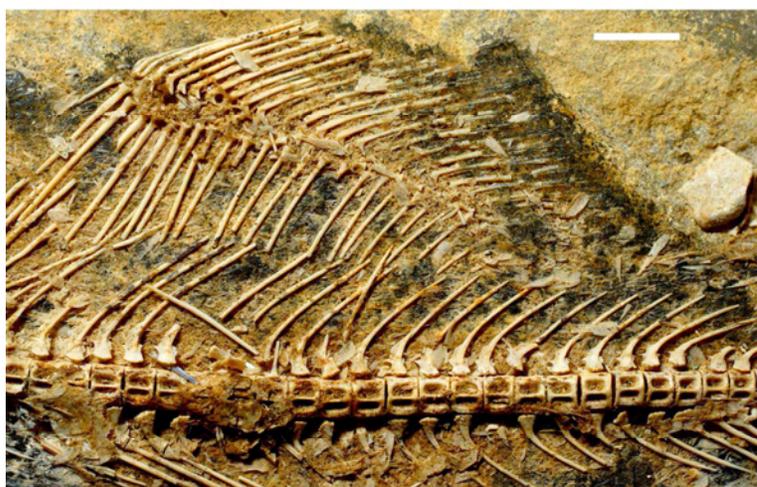


B

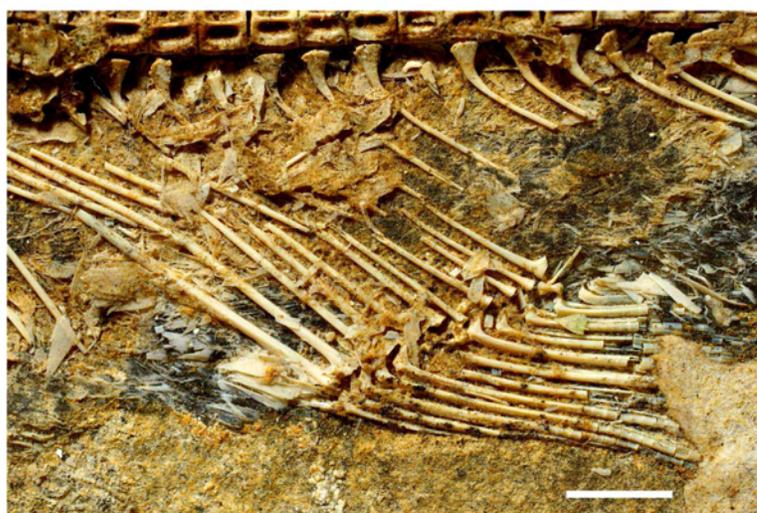
**Figura 25:** Série orbital de *Oshunia brevis*. A) Exemplar AMNH12793. B) Exemplar AMNH12000. Setas verdes indicando alguns ossos infraorbitais e suborbitais. Barra de escala corresponde a 1cm.



A



B



C

**Figura 26:** Nadadeiras ímpares de *Oshunia brevis*. A) Nadadeira dorsal do exemplar AMNH12793. B) Nadadeira dorsal do exemplar UERJ-PMB394. C) Nadadeira anal do exemplar UERJ-PMB394. Barra de escala corresponde a 1 cm.